



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior

FIFI LA PLUME / 1965

FIFI

Um filme de ALBERT LAMORISSE

Realização: Albert Lamorisse / **Argumento:** Albert Lamorisse / **Fotografia:** Maurice Fellous, Pierre Petit / **Música:** Jean-Michel Defaye / **Interpretação:** Philippe Avron, Mireille Nègre, Henri Lambert

Produção: Jean Velter / **Produtoras:** Films Montsouris/ **Cópia:** digital com legendagem eletrónica / **Duração:** 75 min / **Estreia Mundial:** 25 de maio 1965, França / primeira exibição na Cinemateca



Aos mais atentos ao cinema para a infância o nome Albert Lamorisse não soará estranho e para alguns remeterá logo para dois filmes amplamente premiados e várias vezes exibidos na Cinemateca: CRINA BRANCA (53) e O BALÃO VERMELHO (56). Lamorisse é conhecido nalguns círculos como “o cineasta da infância” e entende-se. Grande parte da sua obra faz uma tangente muito conseguida ao pensamento mágico infantil, aquele que faz irromper o fantástico do quotidiano, sem escândalo. O fantástico, nos seus filmes, convive com um olhar documental e a fotogenia da paisagem é uma presença garantida, a que não será alheio o seu passado de fotógrafo. A reputação de Lamorisse como cineasta ficou, aliás, associada a essas duas marcas de água: infância e paisagem.

FIFI LA PLUME (65), o filme de hoje, não tem crianças, mas Fifi é uma criança grande e a infância paira na candura e ambiguidade do protagonista. Lamorisse dá-lhe asas, mas será anjo ou diabrete? o seu voo é feito de técnica, de magia ou de milagre? O filme não dá respostas, nem precisa delas, as crianças também dispensam o método e a causalidade científica. Num registo diferente do sopro poético de obras anteriores, estamos aqui no mais desconcertante e puro burlesco, a lembrar alguns filmes de Chaplin e outros de Tati. Um pequeno gatuno, com especial interesse por relógios, transforma-se num artista de circo e num “anjo” pouco ortodoxo. A fotografia (a preto e branco) é impecável como sempre e as paisagens aéreas servidas pelo olho alado de Fifi e de Lamorisse sobre Fifi, uma pequena maravilha. Vão descobrir neste filme um voo de bicicleta, muito anterior ao do ET e dos seus amigos.

Conhecer Lamorisse pela porta de FIFI LA PLUME é ótimo e muito divertido, mas dissonante das notas mais emblemáticas do autor, e esperamos que a porta se escancare para deixar entrar todos os filmes.

Depois duma curta passagem pelo IDHEC - Institut des Hautes Études Cinématographiques, Lamorisse começa a sua carreira no cinema como assistente do fotógrafo e documentarista François Tuefferd, um apaixonado pelo circo e pela Tunísia que deixará legado nos trabalhos futuros do seu discípulo. Em 1947, Lamorisse roda a curta-metragem documental DJERBA e é também na Tunísia que filma em 1949 a segunda curta-metragem e primeira fábula infantil. BIM conta a história simples, quase sem diálogos, duma amizade entre um miúdo e o seu burrito. Amizade muito aparentada à ligação “centaura” entre o garoto e o cavalo selvagem de CRINA BRANCA. Estes dois títulos partilham, aliás, não apenas o imaginário infantil do “animal irmão”, mas também um olhar fascinado pela paisagem, fotografada a preto e branco; um narrador e um texto poético: Jacques Prévert em BIM, Lamorisse em CRINA BRANCA. A estas duas fábulas junta-se em 1956 o celebradíssimo O BALÃO VERMELHO. Novamente um protagonista infantil (Pascal Lamorisse, filho de Albert), uma história simples quase sem falas, a amizade entre um miúdo e um balão vermelho e um retrato tencicolor belíssimo do bairro parisiense de Ménilmontant. A primeira longa-metragem de Lamorisse, VIAGEM EM BALÃO (60), recupera o balão e o miúdo. Desta vez, um balão, mais científico que mágico, que transporta Pascal Lamorisse pelos céus de França e que confere à paisagem aérea um papel de coprotagonista. Neste filme encontramos não só as ligações óbvias com O BALÃO VERMELHO, mas também muitas sequências que nos trazem à memória CRINA BRANCA: a região da Camarga e os cavalos selvagens da ria. Essencial neste e nos futuros voos cinematográficos foi o sistema de estabilização de imagem – Helivision – inventado pelo próprio. E aéreo será a partir daqui quase tudo o que Lamorisse filmou: vários planos de FIFI, as paisagens dos documentários PARIS JAMAIS VU (67), VERSAILLES (67) e LE VENT DES AMOUREUX (70/78). Filme que encerra de forma trágica a carreira e a vida de Lamorisse, morto num acidente de helicóptero durante a rodagem no Irão. Os voos do cineasta da infância e das paisagens, como os de Ícaro, andaram demasiado perto do sol.

Não devemos temer pelas asas de FIFI, é muito pândego para voar tão alto e ainda bem. Vamos ter com ele.